



Subalteridade e Heterotopia: Ensaio sobre a destituição da heteronormatividade com o *Bom-Crioulo*

Carlos Henrique Lucas Lima – UFOBⁱ

Marcio Caetano – FURGⁱⁱ

Treyce Ellen Silva Goulart – UFFⁱⁱⁱ

Resumo: A partir do conceito de "heterotopia", de Michel Foucault, analisaremos o livro *Bom-crioulo*, de Adolfo Caminha, publicado 1895. Ao pensá-lo no interior de uma *textualidade cultural subalterna*, o consideramos exemplo paradigmático de uma historiografia literária "fora do armário" de centralidade homossexual. No texto, a liberdade dos prazeres, como síntese do político, materializa-se como um poderoso ardil cujo objetivo é a superação das subalternidades racial e sexual.

Palavras-chave: Heterotopia; Historiografia fora do armário; Textualidade cultural subalterna.

Abstract: Through Michel Foucault's concept of "heterotopia," we will analyze Adolfo Caminha's book entitled "Bom-crioulo", published in 1895. Thinking it within a subaltern cultural textuality, we consider it a paradigmatic example of a literary historiography "outside the closet" with homosexual centrality. In the text quoted, the freedom of pleasures, as a synthesis of the politician, seems to materializes as a powerful ruse whose goal is to overcome racial and sexual subalternities.

Keywords: Heterotopia; Historiography out of the closet; Subaltern cultural textuality.

1. Ensaando o ensaio

Em geral, a escrita ensaística tem sido caracterizada enquanto uma dissertação pouco extensa, na qual se constrói a reflexão sobre o tema através do encadeamento de raciocínios lógicos e fundamentados. Rangel (2007) afirma que, do ponto de vista semântico, pode-se compreender o ensaio como uma argumentação mais curta e menos metódica do que um tratado formal e acabado. Esse desenho, em princípio, menos rígido apresenta maior flexibilidade no encaminhamento de análises e proposições que suscitam e sugerem continuidade, seja para confirmações, seja para questionamentos. Tais considerações encontram-se respaldadas, também, em outros autores e autoras, a exemplo de Manuel da Costa Pinto (1998), quando se refere ao seu próprio estudo ensaístico como “provisório e aberto”.

Ainda, de acordo com o estilo ensaístico, sua escrita não se encerra nos limites de seus termos e proposições. Ao contrário, a inconclusão de um ensaio tem o especial valor de suscitar e sugerir outros prosseguimentos. Assim acontece com este artigo ensaístico, cuja temática se centra em debater o conceito foucaultiano “heterotopia”, lançando mão do romance **O Bom-crioulo**, escrito por Adolfo Caminha. A obra publicada pela primeira vez em 1895, como exemplo paradigmático da constituição de uma possível historiografia “fora do armário”, é compreendida aqui enquanto um espaço heterotópico.

Tendo feito esta explanação, o ensaio está dividido em duas seções. No primeiro exercício, tratamos de estabelecer relações entre “heterotopia” e o campo dos estudos da história literária. Essa reflexão é assaz relevante na medida em que aponta o texto de Caminha como voz dissonante em um contexto histórico que relegava a homossexualidade ora a pecado ora à doença. Em seguida, serão feitas algumas provocações sobre os espaços de compensação criados a partir da possibilidade do existir homossexual em **O Bom-crioulo**.

2. A Literatura de centralidade homossexual: Possibilidade da existência no século XIX

Sigo albergando la esperanza de que las minorías sexuales formen una coalición que trascienda las categorías simples de la identidad, que rechaze el estigma de la bisexualidad, que combata y suprima la violencia impuesta por las normas corporales restrictivas.

Judith Butler

Ao pensar a literatura como um espaço estratégico de destituição da heteronormatividade, apontamos a importância de a crítica literária destacar as “plumas, brilhos e trejeitos” dos textos literários, como que os retirando do armário. Conforme indica Denilson Lopes (2002), seria preciso, ainda, “estabelecer um movimento de dois sentidos entre o passado e o presente, que eventualmente atualize as obras do passado ou torne as obras do presente menos isoladas” (p. 125). Segundo o autor é possível estabelecer a partir dos escritos uma “homotextualidade”, que faz referência a uma possível “rede de afinidades” (p. 124) entre os textos de/para/sobre homossexuais. Para fins de evitar os impasses terminológicos com esse autor, lançamos mão de outra expressão, “literatura de centralidade homossexual”¹.

O romance **O Bom-crioulo**, publicado pela primeira vez em 1895, às vésperas do novo século, guarda, assim mesmo, muito da estética naturalista, cunhada no cientificismo, e que procurava dar uma explicação “científica” aos fenômenos da vida, tanto biológica quanto cultural (PEREIRA, 1988). O contexto de aparecimento desse romance é aquele que cria o termo “homossexual” associando-o à doença e à perversidade. Por outro lado, acaba por, simultaneamente, dar à luz ao sujeito hegemônico, que se queria natural: o homem heterossexual. Dessa forma, ao dedicar as páginas da ciência à descrição da homossexualidade e dos próprios sujeitos que a ilustram, essa metade final do século XIX reuniu, sob uma rubrica única, sujeitos cujo comportamento e cuja performance sexuais discrepavam daqueles praticados por um outro, antes também invisível, porquanto naturalizado: o heterossexual.

A literatura cujo foco é a homossexualidade romanesca, a exemplo de **O Bom-crioulo**, entendida neste trabalho como obra fundadora das textualidades cujo centro é a homossexualidade, põe em evidência sujeitos que, mais tarde, a crítica cultural entenderia como subalternos (SANTIAGO, 1978). Nesses termos, tal abordagem tematizava já naquele período - e a um só tempo - raça e sexualidade, ponto alto das chamadas “teorias da subalternidade”, notadamente dos estudos pós-coloniais (SPIVAK, 2010) e dos estudos *queer* (BUTLER, 2003; 2007; LOPES, 2002; 2012; PRECIADO, 2011). Na intenção de prosseguir nessa seara, queremos tratar da constituição dos **espaços heterotópicos** e tecer algumas considerações acerca da natureza das textualidades subalternas enquanto possibilidades de derrisão daquilo que Beatriz Preciado (2011) chamou “império (hetero)sexual”.

¹ Para mais detalhes sobre os “perigos” do uso do termo “homotextualidade”, consultar Alós (2010).

Literatura Heterotópica

As heterotopias, conforme afirma Foucault:

inquietam, sem dúvida porque solapam secretamente a linguagem, porque impedem de nomear isto e aquilo, porque fracionam os nomes comuns ou os emaranham, porque arruinam de antemão a “sintaxe”, e não somente aquela que constrói as frases — aquela, menos manifesta, que autoriza “manter juntos” (ao lado e em frente umas das outras) as palavras e as coisas. Eis por que as utopias permitem as fábulas e os discursos: situam-se na linha reta da linguagem, na dimensão fundamental da fábula; as heterotopias (encontradas tão frequentemente em Borges) dessecam o propósito, estancam as palavras nelas próprias, contestam, desde a raiz, toda possibilidade de gramática; desfazem os mitos e imprimem esterilidade ao lirismo das frases. (FOUCAULT, 2000, p. 12)

Essa citação evidencia a natureza das heterotopias, mostrando suas distinções da utopia e vinculando-as ao logicamente impensável, à distorção mesma da linguagem. Essas afirmações são feitas a partir da leitura da enciclopédia chinesa inventada por Borges², que imagina uma lista de seres “exóticos”. Foucault ri, europeia e “estruturalisticamente”, dos animais criados pelo escritor argentino, interpretando a heterotopia como o local de justaposição e encontro de seres tão monstruosos, que transgrediriam a imaginação. Nesse sentido, “a monstruosidade que Borges faz circular na sua enumeração consiste, ao contrário, em que o próprio espaço comum dos encontros se acha arruinado. O impossível não é a vizinhança das coisas, é o lugar mesmo onde elas poderiam avizinhar-se” (FOUCAULT, 2000, p. 9), ou seja, as heterotopias.

As utopias, por exemplo, têm um referente, que é a “realidade”, o mundo social; contudo, as utopias não possuem um lugar real, pois “apresentam a sociedade numa forma aperfeiçoada, ou totalmente virada ao contrário. Seja como for, as utopias são espaços fundamentalmente irreais” (FOUCAULT, 1967, p. 4). Por outro lado, heterotopias, produzem inquietação e emaranhamento epistemológico, porque aproximam o que não convém (FOUCAULT, 2000, p. 11), mas que, se pensarmos a partir da teoria *queer*, são inconvenientemente necessários³. Explicamos: por discutirem e se apresentarem como um

2 Conforme indica Chiappara (2006; 2007), provavelmente Foucault se esteja referindo ao texto “El idioma analítico de Kohn Wilkins”.

3 Os estudos *queer* colocam sob questionamento os lugares fixos de mulheres e homens, de homossexuais e heterossexuais, provocando uma distensão da heterossexualidade compulsória até o ponto em que os binários se romperiam e seriam desmanteladas as opressoras normas de gênero e sexualidade, oriundas, essas, do imperialismo heterossexual (BUTLER, 2003; 2007; CAETANO, 2011).

“contra-lugar”, as heterotopias questionam o natural e o legítimo, abrindo fissuras nos discursos que tornam os sujeitos viáveis. Nesse sentido, as heterotopias reuniriam, em um só local (ou espaço), o que deveria, a partir da perspectiva do imperialismo heterossexual, ocorrer “alhures”, ou até mesmo “nenhures”, conforme destaca Foucault:

Por exemplo, o colégio interno, na sua forma novecentista, ou o serviço militar para os jovens rapazes, são algo que desempenham esse papel, visto que as primeiras manifestações de virilidade sexual devem ocorrer “alhures” que não o lar ou o lugar de origem. E até meados do século vinte, existia para as raparigas a “viagem de lua-de-mel”, que é uma tradição de temática antiga. A desfloração das jovens raparigas deveria ocorrer “nenhures” e, quando isso acontecia no comboio ou no hotel da “lua-de-mel”, acontecia de facto nesse lugar de “nenhures”, nessa heterotopia sem limites geográficos (FOUCAULT, 1967, p. 5).

Talvez a noção de “entre-lugar” (SANTIAGO, 1978) possa ser aproximada da de heterotopia. Ambas as ideias tocam a questão do lugar que não é este, que não é o referente da linguagem, mas um outro, nebulosamente localizado na não correspondência do significante com o significado. Isso que chamamos “não correspondência” é o que causa o embaralhamento dos sentidos – da significância, e é justamente aí que a ordem das coisas pode ser solapada e ter sua constituição inquirida e contestada. Mas o que realmente acercaria entre-lugar e heterotopia seria a potencialidade que essas acepções possuem de “quebrar as relações unidirecionais entre o que antes chamávamos metrópole/colônia, 1º mundo/3º mundo, centro/periferia” (LOPES, 2012, p. 6), ou seja, a sua capacidade de produção de “entretempos” e “contranarrativas”.

Assim, a heterotopia pode ser entendida como um entre-lugar. Tal compreensão não pretende situá-la enquanto lugar que está no meio, ou entre uma coisa e outra, mas, sim, como espaço de desestabilização dos binários e redefinição dos sentidos, em suma, como um **espaço de derrisão da heterossexualidade compulsória**. E é nesse ponto da argumentação que queremos inserir o romance **O Bom-crioulo**, tomando-o, e com isso queremos dizer a própria literatura de centralidade homossexual em si, como heterotopia, como espaço em que as utopias são realizadas, e no qual a heterossexualidade compulsória, nos termos de Judith Butler (2003), encontra seu limite.

Portanto, a própria literatura de centralidade homossexual, nesse caso **O Bom-crioulo**, pode ser tomada como espaço heterotópico, exatamente por configurar-se enquanto a concretização da utopia homossexual: o amor entre dois homens. Esse romance põe em questão o relacionamento afetivo-sexual de dois marinheiros, um negro, Amaro, e

outro branco, Aleixo, cujo envolvimento define o eixo da **diegese** e localiza alguns espaços físicos e simbólicos como sítios de concretização do amor homossexual. Tais símbolos, como o marinheiro, por exemplo, encontram, ainda hoje, eco, sobretudo na indústria pornô e em certa produção literária. Sobre os ecos literários, afirma Denilson Lopes:

A imagem do marinheiro e sua ambivalência exclusivamente masculina – “os corpos indistintos no convés” (Bom-crioulo, p. 72) – não rendeu muito na literatura brasileira, a destacar trabalhos de Gasparino Damata e sua aparição fantasmática na novela “O Marinheiro”, de Caio Fernando Abreu em **Triângulo das Águas**, ou com sua mescla de violência e fraternidade masculinas, em “A hora do aço”, também de Caio Fernando Abreu, em **Ovelhas Negras**. (...) O marinheiro encontra ainda eco na figura do estrangeiro onde quer que ele vá, dentro da ficção contemporânea, seja pela deriva de corpos e sexualidades na ficção de João Gilberto Noll e Bernardo Carvalho, seja pela solidão de contos de Silviano Santiago e Caio Fernando Abreu. (LOPES, 2002, p. 127)

Dessa maneira, tanto a homossexualidade quanto o homossexual ganham, com o advento da publicação de **O Bom-crioulo**, um espaço de existência, aqui entendido como heterotópico. Para além da compreensão do próprio texto enquanto espaço de heterotopia, há símbolos, dentro da **diegese**, que tornam possível a materialização do desejo homoerótico: a corveta e o quarto da rua da misericórdia. Mas em se tratando do próprio texto como realização da utopia homossexual, que é o que aqui majoritariamente nos interessa, vale dizer que essa interpretação é apenas possível se devidamente consideramos a relação dessa textualidade com o seu contexto histórico. Como antes apontamos, o século XIX funda certa identidade homossexual e a transforma no outro abjeto da normalidade, ou seja, da heterossexualidade. E é a partir dessa mirada que estamos lendo, por exemplo, os romances **O Cortiço**, de Aluísio Azevedo (1981), e **O Barão de Lavos** (1982), do escritor português Abel Botelho. O primeiro, vinculado ao projeto cientificista decimonônico, e, o segundo, ao processo de transformação histórica de uma aristocracia ociosa para uma burguesia produtiva.

Se, por um lado, em **O Bom-crioulo** o amor entre dois homens se materializa, enquanto utopia homossexual, via texto, na literatura heterotópica de **Stella Manhattan** (1985), romance que a seguir abordaremos panoramicamente, ela provocará o deslocamento da personagem protagonista, Eduardo Costa e Silva/Manhattan, em um processo de deriva sexual. A literatura de centralidade homossexual, então, ao longo de quase cem anos – da publicação do romance de Caminha à do romance de Santiago – resiste à heterossexualidade compulsória e se reformula visando à desconstrução do sujeito

hegemônico do Ocidente, como antes afirmamos, declinado na branquitude e na heterossexualidade (ALÓS e SCHMIDT, 2010). No primeiro romance, a heterotopia é apreendida por intermédio do contexto histórico no qual **O Bom-crioulo** se insere, fins do século XIX; já em **Stella Manhattan**, por conta de um elemento de cariz estético, a deriva sexual.

Dada sua importância a esse ensaio, queremos retornar a Foucault (1967) e avançar no entendimento das heterotopias. O autor assevera que elas podem ser compreendidas por meio da analogia com o espelho:

O espelho é, afinal de contas, uma utopia, uma vez que é um lugar sem lugar algum. No espelho, vejo-me ali onde não estou, num espaço irreal, virtual, que está aberto do lado de lá da superfície; estou além, ali onde não estou, sou uma sombra que me dá visibilidade de mim mesmo, que me permite ver-me ali onde sou ausente. Assim é a utopia do espelho. Mas é também uma heterotopia, uma vez que o espelho existe na realidade, e exerce um tipo de contra-ação à posição que eu ocupo. Do sítio em que me encontro no espelho apercebo-me da ausência no sítio onde estou, uma vez que eu posso ver-me ali. A partir deste olhar dirigido a mim próprio, da base desse espaço virtual que se encontra do outro lado do espelho, eu volto a mim mesmo: dirijo o olhar a mim mesmo e começo a reconstituir-me a mim próprio ali onde estou. O espelho funciona como uma heterotopia neste momentum: transforma este lugar, o que ocupo no momento em que me vejo no espelho, num espaço a um só tempo absolutamente real, associado a todo o espaço que o circunda, e absolutamente irreal, uma vez que para nos apercebermos desse espaço real, tem de atravessar esse ponto virtual que está do lado de lá. (FOUCAULT, 1967, p. 4)

A analogia do espelho construída por Foucault (2013) ensina que a heterotopia tem implicações na “realidade”, na materialidade mesma das coisas do mundo. Quando tomamos a literatura de centralidade homossexual enquanto heterotopia, pensamos exatamente na potencialidade dessa literatura para exercer uma “contra-ação” à realidade da homossexualidade, transformando e obliterando, no caso específico do romance **O Bom-crioulo**, as percepções enfermiças acerca dela. Como afirmou Leonardo Mendes (2000, p. 211) em relação ao romance de Caminha: “se o homossexual não pode ser feliz, ao menos ele pode existir”.

Não se trata de superestimar “o romance maior de Adolfo Caminha”, conforme entende Lucia Miguel Pereira (1988), mas, sim, de fundamentar sua leitura como uma primeira tentativa de derrisão da heterossexualidade compulsória, legitimando propostas como a de Denilson Lopes (2002), que almeja uma “história da homotextualidade” (p. 121) na literatura brasileira. Ao ensaiar o solapamento – a derrisão – da heterossexualidade

compulsória, **O Bom-crioulo** produz, no dizer de Karl Posso (2009), “devires”, quer dizer, possibilidades de transformação da realidade que oprime, não apenas gueis, lésbicas e outras identidades e sexualidades contra-hegemônicas, mas também a própria opressão em si, enquanto forma de exercício de poder sobre o outro.

Com efeito, e por isso a chamamos “ensaio”, a narrativa em questão não logra minar os papéis fixos de homens e mulheres, de heteros e homos. Em alguns momentos, tais lugares são legitimados e reafirmados a partir de sua reprodução performática nos papéis de gênero de Amaro e Aleixo, protagonistas do romance. Mas, a partir de Butler, fazemos uma ressalva:

A “presença” das assim chamadas convenções heterossexuais nos contextos homossexuais, bem como a proliferação de discursos especificamente gays da diferença sexual, como no caso de “*butch*” e “*femme*” como identidades históricas de estilo sexual, não pode ser explicada como a representação quimérica de identidades originalmente heterossexuais. E tampouco elas podem ser compreendidas como a insistência perniciosa de construtos heterossexistas na sexualidade e na identidade gays. A repetição de construtos heterossexuais nas culturas sexuais gay e hetero bem pode representar o lugar inevitável da desnaturalização e mobilização das categorias de gênero. (BUTLER, 2003, p. 56)

Tendo o cuidado de não idealizar o romance de Caminha, ou de produzir um anacronismo de leitura, vale dizer, sem embargo, que a representação da homossexualidade, mesmo que atrelada ao ideário médico-científico do século XIX, é representada para além de um “homossexualismo de caserna”, vindo a ser inscrita em um formato de desejo que ultrapassaria o determinismo do meio ou da biologia. Talvez esse seja o argumento mais poderoso no que se refere ao questionamento dos caracteres naturalistas no romance de Caminha. Parece-nos que, ao parcialmente descolar a homossexualidade da contingência dos trabalhos do mar, da vida de marinheiro – quem sabe até mesmo da “degradada” negritude de Amaro, o romance abre uma senda interpretativa que busca “normalizar”, ou, poderíamos dizer, apreendê-la enquanto possibilidade afetivo-sexual da experiência humana.

Queremos fazer uma distinção, no entanto, entre o ato de naturalizar, no sentido de contingencial, por um lado, e como oposição a desvio, a erro e perversão, por outro. Quando afirmamos que o narrador em **O Bom-crioulo**, obra em vias de “desnaturalizar a homossexualidade de Amaro”, queremos chamar a atenção para o trabalho que ele empreende visando, em partes, a combater o determinismo tanto do meio quanto de

caráter racial, pilares estruturantes do Naturalismo. Transcrevemos um trecho do romance em que o narrador admite a “naturalidade” da homossexualidade de Amaro:

Não se lembrava de ter amado nunca ou de haver sequer arriscado uma dessas aventuras tão comuns na mocidade, em que entram mulheres fáceis, não; pelo contrário, sempre fora indiferente a certas coisas, preferindo antes a sua pândega entre rapazes a bordo mesmo, longe das intriguinhas e fingimentos de mulher. Sua memória registrava dois fatos apenas contra a pureza quase virginal de seus costumes, isso mesmo por uma eventualidade milagrosa: aos vinte anos, e sem o pensar, fora obrigado a dormir com uma rapariga de Angra dos Reis, perto das Cachoeiras, por sinal dera péssima cópia de si mesmo como homem; e, mais tarde, completamente embriagado, batera em casa de uma francesa no largo do Rocio, donde saíra envergonhadíssimo, jurando nunca mais se importar com “essas coisas” (p. 14)⁴

É como se o narrador, em **O Bom-crioulo**, obrasse no sentido de retirar a suposta “essência” da sexualidade enfermiza de Amaro, cuidando para não a associar à inevitabilidade da vida no mar, à vida entre homens, o que implicaria um determinismo. Arriscaríamos dizer que Adolfo Caminha traz à baila uma discussão que somente aparecerá com o advento do feminismo de “**O Segundo Sexo**”, em que Simone de Beauvoir (2005) afirma que não se nasce, *a priori*, mulher, mas torna-se. A feminista francesa faz alusão direta à negação de um biologicismo determinista, que imputava características intrínsecas a mulheres e homens. Assim, em **O Bom-crioulo**, a homossexualidade não encontraria uma explicação nem biológica nem contingencial, pois determinista, mas, sim, como paradigma mesmo da sexualidade humana, pondo sob suspeita o lugar de hegemonia da heterossexualidade. Certo é que, como era de se esperar, o amor dos marinheiros não resistirá às investidas das “intempéries” homofóbicas, digamos assim, para usar um termo que nos é mais próximo, do final do século XIX. No entanto, como já vínhamos apontando, essa narrativa tem de ser tomada como um ensaio, como heterotopia, como uma ligeira suspensão da realidade opressora que, mesmo em **Stella Manhattan**, e, portanto, em um Ocidente pós-revolução sexual, seguirá relegando lésbicas, travestis, gueis e transexuais à margem da linguagem, à viabilidade heterotópica da literatura de centralidade homossexual.

Nesse sentido, é possível afirmar que a literatura de centralidade homossexual, aqui tomada como textualidade heterotópica, promove uma verdadeira “insurreição” contra o

⁴ Utilizamos a edição da Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro. Essa edição está disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/bom_crioulo2.pdf. A partir daqui, quando da referência ao romance **O Bom-crioulo**, informaremos apenas o número da página.

esquema de exclusão hegemônico heterossexual, utilizando-se da linguagem, na esteira de Monique Wittig e Judith Butler, como “um instrumento ou utensílio” (BUTLER, 2003, p. 50) de ataque às exclusões. E mesmo que queiramos evitar a contenda em torno, por um lado, de uma literatura *gay*, que apelaria para a explicitação do desejo homossexual, e, por outro, uma literatura sinuosa, ou como, em paráfrase a Silvano Santiago, poderíamos dizer uma “literatura malandra”, certo é que ambas literaturas se constituem em textualidades heterotópicas, uma vez que a homossexualidade, ainda em nossos dias, não alcançou o *status* de sexualidade e afetividade institucionalizadas⁵.

Queremos chamar Karl Posso à conversa, quando ele diz que “a qualidade artística desaparece [da literatura *gay*] porque o tema explícito homossexual chama uma certa audiência que precisa desesperadamente testemunhar algo que reflita e conseqüentemente legitime os seus próprios desejos”. Ora, podemos, ao mitigar a relevância (ou valor) artística(o) da “literatura *gay*” por conta da explicitação do desejo guei, ao mesmo tempo deixar patente que os e as homossexuais precisam apelar para a literatura com vistas a verem concretados seus desejos relacionais (namoro, casamento) e jurídicos (direitos cidadãos), por exemplo. Assim, de qualquer forma, tanto a literatura dita *gay* quanto aquela produzida pelos “mestres da escrita homossexual no Brasil” (POSSO, 2008, p. 1025), podem ser compreendidas como literatura heterotópica, isto é, como escárnio do lugar real que ocupamos⁶, espaço em que a homofobia, social e institucional, ainda medra ilesa.

Espaço de compensação

A epígrafe desse ensaio revela o desejo de Butler no que se refere à superação do uso de categorias identitárias no seio das minorias sexuais. Diz ela que seu anseio se localiza na formação de “*una coalización (...) que combata y suprima la violencia impuesta por las normas corporales restrictivas*” (2007, p. 32)⁷, coalização essa que encontra sua base na

5 O romance *Rato*, de Luís Capucho (2007), apenas para citar um exemplo contemporâneo, deixa o lugar marginal, digamos assim, da homossexualidade, bem patente ao localizar a experiência do desejo homoerótico na “Cabeça de Porco”, casa velha em que a personagem protagonista reside, e nos matagais e lugares abandonados da cidade do Rio de Janeiro. No entanto, é preciso apontar que o chamado “estilo de vida *gay*”, exportado via globalização para todo o mundo, ganha, a cada dia que passa, lugar na cultura ocidental dominante. Assim, seria antes uma sexualidade e um gênero dissidentes da norma sexual dominante no Ocidente, a heteronormatividade, que não estão reconhecidas, institucionalizadas, que a homossexualidade propriamente dita.

6 E aqui queremos assumir enquanto sujeito do discurso, deste lugar em que escrevemos, igualmente heterotópico, no qual buscamos incidir sobre a produção de sentidos.

7 “(...) uma coalização (...) que combata e suprima a violência imposta pelas normas corporais restritivas”. A referência que aqui se faz é ao Prefácio de 1999, presente na versão de *Problemas de Gênero* em língua espanhola.

complexidade da sexualidade e em suas implicações nas “distintas dinâmicas do poder institucional”. Quer dizer, insistir na condição de minoria sexual é preciso, para além das categorias de identidade guei ou lésbica, com vistas a tornar mais efetivo o “combate coletivo” daqueles que vivem à margem da sexualidade e da inteligibilidade cultural. De igual forma, Beatriz Preciado (2011), no artigo “Multidões *Queer*: Notas para uma Política dos Anormais”, ao comentar o que ela chama “políticas das multidões *queer*”, assevera que é preciso insistir no questionamento dos processos que normalizam e abjetizam os corpos:

A multidão *queer* não tem relação com um “terceiro sexo” ou com um “além dos gêneros”. Ela se faz na apropriação das disciplinas de saber/poder sobre os sexos, na rearticulação e no desvio das tecnologias sexo-políticas específicas de produção dos corpos “normais” e “desviantes”. Por oposição às políticas “feministas” ou “homossexuais”, a política da multidão *queer* não repousa sobre uma identidade natural (homem/mulher) nem sobre uma definição pelas práticas (heterossexual/homossexual), mas sobre uma **multiplicidade de corpos que se levantam contra os regimes que os constroem como “normais” ou “anormais”** (...). (PRECIADO, 2011, p. 16, grifo nosso.)

Nesse sentido, a leitura das textualidades culturais subalternas, em nosso caso aqui dos romances **O Bom-crioulo** e **Stella Manhattan**, passa pela superação da ideia de “literatura *gay*”, como mais atrás comentamos ao citar Karl Posso, deslocando-se para uma que procede ao enfrentamento da hegemonia heterossexual como forma única de legitimação dos sujeitos. A literatura de centralidade homossexual, portanto, lida a partir dessa chave questionadora, inquisitiva, produz verdadeiros espaços de heterotopia e de compensação, tornando possível a formação de sua própria hegemonia. Se, como afirmou Hommi Bhabha (1998, p. 97), a subalternidade se caracteriza pela falta de hegemonia, ou pela sujeição à “influência ou hegemonia de outro grupo social”, as textualidades culturais subalternas desempenham uma poderosa ação, ou melhor, **contra-ação**, ao permitir, no não-lugar da linguagem (FOUCAULT, 2000, p. 10), a concretização de possibilidades alternativas de sexualidade e afetividade.

O Bom-crioulo, assim, constitui-se como heterotopia e espaço de compensação ao sugerir que uma vida afetivo-sexual entre homens é não só possível como, ainda, viável. Muito embora a relação dos dois marinheiros não seja perene, terminando em tragédia, e, quem sabe, seria muito esperar o contrário, afirma o narrador do romance que os amantes tinham uma “confiança de noivos” (p. 65) e que Bom-crioulo, ao saber da traição de Aleixo, expressou uma mirada “dolorosa, uma extraordinária, uma indizível expressão de melancolia e surpresa” (p. 67), deixando a descoberto toda a dor por conta da perda do

'grumetezinho', como carinhosamente se referia ao "belo marinheiro de olhos azuis, muito querido por todos e de quem diziam-se 'coisas'" (p. 7).

Retornando a Preciado (2011), é possível não só ler o romance de Caminha como instrumento de derrisão, como se disse, da heterossexualidade compulsória, como, ainda, metonimicamente, tomar as textualidades culturais subalternas enquanto ferramentas de incisão nas 'disciplinas de saber/poder' que legitimam a formação de conhecimentos na historiografia literária e nos estudos literários. Podem essas textualidades interpelar culturalmente as percepções em relação ao gênero, ao sexo e à orientação sexual? Em que medida uma leitura de base *queer* dessas textualidades pode arruinar os processos que instituem o 'normal' e o "anormal", a 'norma' e o 'desvio'? Para além de proceder a uma investigação que localizasse as "intenções" de Caminha, por exemplo, com a escrita de **O Bom-crioulo**, ou que detectasse a recepção do público em fins do século XIX – momento de publicação do romance, o que atine, aqui, é a mirada que, do presente, lançamos a esse texto, as formas como o consideramos no sistema literário brasileiro e suas contribuições para a derrocada dos paradigmas de matiz homofóbico e sexista na formação de saberes.

Butler (1998) faz uma relevante asserção, que aqui nos é muito útil, quando afirma que "o poder permeia o próprio aparato conceitual que busca negociar seus termos, inclusive a posição de sujeito do crítico" (p. 19), chamando a atenção para o entendimento dos "termos da crítica no campo do poder" como "pré-condição de uma crítica politicamente engajada". Assim, percebemos que se tomamos a historiografia literária – e os próprios estudos literários – como neutra ou "universal", caímos no erro que ignora a presença do poder no interior dos discursos disciplinares. O que a historiografia e os estudos literários de modo geral autorizam quando procedem à leitura de textualidades de centralidade homossexual? E o que não autorizam eles? Chamamos, mais uma vez, Butler:

Dentro do contexto político do pós-colonialismo contemporâneo, talvez seja especialmente urgente sublinhar a própria categoria do "universal" como lugar de insistente disputa e re-significação. Tendo em vista o caráter contestado do termo, supor desde o início uma noção instrumental ou substantiva do universal é impor uma noção culturalmente hegemônica sobre o campo social. (...) O termo "universalidade" teria de ficar permanentemente aberto, permanentemente contestado, permanentemente contingente, a fim de não impedir de antemão reivindicações futuras de inclusão. (BUTLER, 1998, p. 21-22)

Essas afirmações de Butler apontam para a necessidade de considerar o "universal" como potencialidade contingente, como um lócus sempre em deslocamento, em deriva. Uma **deriva teórica** que indicasse a constituição de outras universalidades, a formação de

lugares outros – heterotópicos – visando ao solapamento da hegemonia étnico e hetero centradas. **O Bom-crioulo**, nesse sentido, funcionaria mais como metonímia, como se disse, das textualidades de centralidade homossexual do que, efetivamente, literatura que realiza o que queremos quando dissemos “derrisão da heterossexualidade compulsória”. Mas, mesmo assim, o romance **sugere** e **ensaia** pequenos, porém não menos significativos, câmbios epistemológicos/paradigmáticos ao pôr sob suspeita a condição “ontológica” da diferença. Quem é Amaro, para além dos vícios do Naturalismo, senão um homem perdidamente apaixonado que tenta, sem sucesso, é verdade, estabelecer uma relação perene com outro homem? Que, após traído, vinga-se, com o fio da navalha, de seu amante?

Conclusão

Se considerarmos que o final do século XIX daria lugar à República e à inauguração de um novo modelo de nação aos moldes da Europa, o romance de Caminha termina por corroborar o projeto nacional gestado pelas elites econômicas da época. Não há lugar para a existência do negro e do homossexual que não o gueto ou a morte. Entretanto, Bom Crioulo insurge-se, em primeiro lugar, contra a interdição de raça/etnia, envolvendo-se com “o pequeno” que pertence a uma identidade de raça branca, associada aos dominadores, à figura do branco que desbrava, viola a terra e domina o negro; e, em segundo lugar, Amaro inverte essa fórmula, como que se invertesse a mão que segura a chibata, dominando o branco – Aleixo –, e assumindo protagonismo em uma relação, a priori, insustentável.

O Bom Crioulo, após um pequeno período de ventura com o grumete no quartinho da Misericórdia, é chamado pelo Comando para servir em um outro navio, diferente daquela corveta lúgubre que abre o romance – mas que tanta alegria lhe dera; ele agora se vê só e com ciúmes de seu grumete, sozinho no Rio de Janeiro, sem a sua presença protetora (e intimidadora).

Por esses termos, mesmo que **O Bom-crioulo** não se apresente como uma narrativa de resistência à heterossexualidade compulsória, antecipa, como dissemos, algumas pautas dos movimentos de liberação sexual da segunda metade do século XX. A obra, inova ao apostar, mesmo que transitoriamente, na representação de um relacionamento que, ainda na literatura contemporânea, tem dificuldades de romper com a heterossexualidade e seus discursos normatizantes.

A liberdade dos corpos e prazeres, como síntese do político, materializa-se a partir da narrativa de **O Bom-crioulo** como um poderoso artilheiro cujo objetivo é a superação tanto da subalternidade de cariz racial quanto a de aspecto sexual. É uma leitura política, portanto, que fazemos das textualidades subalternas de centralidade homossexual, de maneira ampliada, e de **O Bom-crioulo**, de maneira mais específica. Diz Monique Wittig, em “*El Pensamiento Heterocentrado*”:

En efecto, la sociedad heterosexual está fundada sobre la necesidad del otro diferente en todos los niveles. No puede funcionar sin este concepto ni económica, ni simbólica, ni lingüística, ni políticamente. Esta necesidad del otro diferente es una necesidad ontológica para todo el conglomerado de ciencias y de disciplinas que yo llamo el pensamiento heterocentrado. Ahora bien, ¿qué es el otro diferente si no el dominado? Porque la sociedad heterosexual no es la sociedad que oprime solamente a las lesbianas y a los hombres homosexuales, oprime a muchos otros diferentes, oprime a todas las mujeres y a numerosas categorías de hombres, todos los que están en la situación de dominados. (WITTIG, 1978, p. 7)⁸

Wittig põe a descoberto a concepção que entende como ontológico o conceito de diferença. Suas afirmações se empenham a demonstrar que, para a sociedade heterossexual – cuja base é a heterossexualidade compulsória, a existência de um outro, de um diferente, é **imprescindível** para seu funcionamento, para sua viabilidade. Isso nos conduz a asseverar que promover a suspensão da noção de “outro”, de “diferente”, inquirindo a categoria do “universal”, é fazer oscilar a própria estrutura que sustenta a sociedade heterocentrada, é experimentar a heterotopia.

Referências Bibliográficas

ALÓS, A. P.; SCHMIDT, R. T. Margens da Poética/Poéticas da Margem: o comparatismo planetário como prática de resistência. **Organon**. Porto Alegre, nº 47, julho-dezembro, 2009, p.129 – 145.

_____. Narrativas da sexualidade: pressupostos para uma poética *queer*. **Estudos Feministas**, v. 18, nº. 03, p. 837-864, set-dez., 2010.

⁸ “De fato, a sociedade heterossexual está fundada sobre a necessidade do outro diferente em todos os níveis. Não pode funcionar sem esse conceito nem econômica, nem simbólica, nem linguística, nem politicamente. Esta necessidade do outro diferente é uma necessidade ontológica para todo o conglomerado de ciências e disciplinas que eu chamo o pensamento heterocentrado. Agora, que é o outro diferente senão o dominado? Porque a sociedade heterossexual não é a sociedade que oprime somente as lésbicas e aos homens homossexuais, oprime a muitos outros diferentes, oprime a todas as mulheres e a numerosas categorias de homens, todos os que estão na situação de dominados.”

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. Porto Alegre: Movimento, 1981.

BEAUVOIR, S. *El segundo sexo*. Madrid: Cátedra, 2005. BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BOTELHO, Abel. **O barão de Lavos**. Porto: Lello & Irmãos, 1982.

BUTLER, J. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo. **Cadernos Pagu**, v. -, nº. 11, p. 11-42, 1998.

_____. **El género em disputa: el feminismo y la subversión de la identidad**. Barcelona: Paidós, 2007.

_____. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

CAETANO, M. **Gêneros, sexualidades**: um encontro político com as epistemologias de vida e seus movimentos curriculares. 2011. 228 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

CAMINHA, A. **O Bom-Crioulo**. Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em/
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000052.pdf>. Data de acesso: julho de 2012.

CAPUCHO, L. **Rato**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2007.

CHIAPPARA, J. P. Michel Foucault: ficção, real e representação. A produção de sentidos sociais: desdobramentos teóricos contemporâneos. **Revista Aulas**, v. -, nº. 03, p. 1-18, dez. 2006-jan. 2007.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. De outros espaços. Disponível em: http://www.historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Foucault-De_Outros_Espacos.pdf. Data de acesso: janeiro de 2015. Texto

originalmente publicado em 1967.

_____. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: N-1 edições, 2013.

LOPES, D. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

_____. *Do entre lugar ao transcultural*. Disponível em: <<http://www.pos.eco.ufrj.br/docentes/publicacoes/dlopeso1.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2016.

MENDES, L. *O Retrato do Imperador: negociação, sexualidade e romance naturalista no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

PEREIRA, L. M. *História da Literatura Brasileira: rosa de ficção, de 1870 a 1920*. Belo Horizonte; São Paulo: Editora Itatiaia: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

PINTO, M. da C. *Um elogio ao ensaio*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

POSSO, K. *Liberalismo, praga do literário: o conto brasileiro contemporâneo sobre temas de homossexualidade*. Revista Iberoamericana, v. LXXIV, nº. 225, Outubro-Diciembre, 2008.

PRECIADO, B. *Multidões Queer: notas para uma política dos "anormais"*. *Estudos Feministas*, v. 19, nº. 01, p. 11-20, jan.-abril, 2011.

RANGEL, M. *Ensaio sobre aplicações didáticas da teoria de representação social*. *Revista Olhar de Professor*, vol. 10, núm. 2, pp. 11-22, 2007.

SANTIAGO, S. *O Entre-lugar do discurso latino-americano*. In: *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

_____. *Stella Manhattan*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?*. BH-MG: UFMG, 2010.

WITTIG, M. *El pensamiento heterocentrado*. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/49572967/Monique-Wittig-El-pensamiento-heterosexual>>. Acesso em: 30 jun. 2016. Texto originalmente publicado em 1978.

ⁱ **Carlos Henrique Lucas Lima:** Professor Assistente A - I no Centro das Humanidades, lotado no Núcleo de Linguística, Letras e Artes da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), Doutor em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

ⁱⁱ **Marcio Caetano:** Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e Professor Adjunto A no Instituto de Educação, na Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

ⁱⁱⁱ **Treyce Ellen Silva Goulart:** Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF)